



OS EX-LÍBRIS DA COLEÇÃO JENNY DRÉYFUS

SILVIA OLIVEIRA CAMPOS DE PINHO



Caçadora de Ex-líbris
Série Bibliotecas, v. 11

Os ex-líbris da Coleção Jenny Dreyfus

Silvia Oliveira Campos de Pinho

Entrevista, organização e notas:
Mary Komatsu

Rio de Janeiro
2025



Jardim do Museu da República
Foto Mary Komatsu

Caçadora de Ex-líbris
Série Bibliotecas, v. 11
Rio de Janeiro
2025

Ficha catalográfica elaborada por Mary Komatsu

P654 PINHO, Silvia Oliveira Campos de.

Os Ex-líbris da coleção Jenny Dreyfus. / Silvia Oliveira Campos de Pinho;
Entrevista, organização e notas Mary Komatsu. - Rio de Janeiro: Canal
Caçadora de Ex-líbris, 2025. (Série Bibliotecas, 11).
49 p. il. color.

Inclui bibliografia.

Disponível em: cacadoradeexlibris.com

ISBN: 978-65-01-53687-3

1. Ex-libris. 2. Colecionismo. 3. Arquivo Histórico 4. Dreyfus, Jenny
(1905-1986) I. Pinho, Silvia Oliveira Campos de. II. Komatsu, Mary.
III. Título.

CDD 097



Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons - Atribuição-
Compartilhagual 4.0 Internacional.

Sumário

INTRODUÇÃO 6

SOBRE A AUTORA 7

MUSEU DA REPÚBLICA 8

QUEM É JENNY DREYFUS 11

JENNY DREYFUS NA MÍDIA 13

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA
REPÚBLICA 20

COLEÇÃO DE EX-LÍBRIS JENNY DREYFUS 23

- CLASSIFICAÇÃO DOS EX-LÍBRIS 27
- EX-LÍBRIS SIMBÓLICO 28
- EX-LÍBRIS COMEMORATIVO 35
- EX-LÍBRIS RELIGIOSO 37
- EX-LÍBRIS ETIQUETA 39
- EX-LÍBRIS DE JENNY DREYFUS 42
- EX-LÍBRIS DE CLÓVIS BORNAY 45

REFERÊNCIAS 48

Introdução

Este e-book é fruto da live de mesmo título realizada em 12 de maio de 2022, no canal do YouTube da Caçadora de Ex-líbris, com a participação de Silvia Oliveira Campos de Pinho.

A publicação apresenta a coleção de ex-líbris reunida pela museóloga e conservadora Jenny Dreyfus (1905–1986), doada por ela ao Museu da República em 1976. Trata-se de um acervo composto por ex-líbris nacionais e estrangeiros pertencentes a diversas personalidades e instituições, além de exemplares comemorativos. A maioria das peças é acompanhada por fichas com informações detalhadas, o que enriquece significativamente seu valor documental. Entre os destaques da coleção, encontram-se temas exóticos, simbólicos e religiosos, bem como obras assinadas por artistas de renome, como José Wasth Rodrigues, Alberto Lima, Oswaldo Silva e Bruno Collich. A coleção inclui ainda ex-líbris criados pela própria Jenny Dreyfus, revelando também sua sensibilidade artística.

Acesse a live na íntegra [AQUI!](#)

Mary Komatsu
Caçadora de Ex-líbris



Silvia Oliveira Campos de Pinho

silvia.pinho@museus.gov.br

mr.arquivo@museus.gov.br

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007). Desde 2007 é Coordenadora do Arquivo Histórico do Museu da República/IBRAM.



Museu da República



Museu da República

Foto Mary Komatsu

O Museu da República, localizado no Rio de Janeiro, ocupa o antigo Palácio do Catete, edifício construído entre 1858 e 1866 por iniciativa do Barão de Nova Friburgo. Originalmente concebido como residência aristocrática, o palácio viria a desempenhar um papel central na história política do Brasil.

Em 1897, o edifício foi adquirido pelo governo federal e transformado na sede da Presidência da República, função que exerceu até 1960, quando a capital do país foi transferida para Brasília. A história do museu pode ser compreendida em três momentos distintos: o período do Barão de Nova Friburgo, o período presidencial e, por fim, sua atual fase como museu.

Em 1960, por iniciativa do então presidente Juscelino Kubitschek e do diretor do Museu Histórico Nacional, Josué Montello, foi criado o Museu da República, com o objetivo de preservar e divulgar a memória do regime republicano brasileiro. O núcleo inicial de seu acervo foi formado a partir da transferência de peças relacionadas à República que pertenciam ao Museu

Histórico Nacional. Muitos desses objetos eram de origem privada, como presentes recebidos por presidentes da República. Um exemplo notável é Getúlio Vargas, que doou, ainda em vida, diversos itens de homenagem ao acervo público.

Desde então, o Museu da República tem recebido novas coleções, em sua maioria também de origem particular, todas relacionadas à história política e social do Brasil republicano. Em 1983, o museu deixou de ser subordinado ao Museu Histórico Nacional, passando à administração da Fundação Pró-Memória. Atualmente, integra a estrutura do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia vinculada à Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo.

O museu abriga dois importantes arquivos: o Arquivo Institucional e o Arquivo Histórico.

O Arquivo Institucional conserva os documentos produzidos e acumulados pelo próprio Museu da República desde sua fundação, em 1960, até os dias atuais. Já o Arquivo Histórico reúne documentos relacionados ao período republicano, oriundos de arquivos pessoais, coleções avulsas e fundos documentais diversos. Seu acervo compreende cerca de 30 coleções, somando aproximadamente 90 mil documentos.

Entre essas coleções destacam-se a Coleção Canudos, a Coleção da Família Pereira Passos, a Coleção Nilo Peçanha e a Coleção Jenny Dreyfus, esta última dedicada a uma das mais importantes colecionadoras e estudiosas de ex-libris do país.



Quem é Jenny Dreyfus?

Jenny Dreyfus

Biografia



Jenny Dreyfus nasceu em 10 de setembro de 1905, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, filha de Jeronymo Dreyfus e Blanche Meyer Dreyfus.

Iniciou sua trajetória profissional como professora do ensino primário, integrando o Quadro Permanente do Ministério da Educação e Cultura, com lotação no Colégio Professor Clovis Salgado.

Formou-se museóloga em 1940 pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), instituição com a qual manteria uma longa e relevante relação profissional. Participou ativamente da comissão encarregada da reformulação do registro e do currículo do curso, contribuindo para o aprimoramento da formação museológica no país.

A partir de 1946, passou a lecionar no Curso de Museus, onde foi designada professora das disciplinas de Sigilografia e Filatelia, Artes Menores e Cursos Isolados — estes últimos ministrados por ela até 1975. Conciliando o magistério com a prática profissional, também exerceu a função de Conservadora de Museus no próprio MHN.

Em 1960, Jenny Dreyfus assumiu a direção do Museu da República, cargo que ocupou com dedicação até 1975. Sua gestão marcou um período importante da instituição, consolidando seu papel no cenário museológico brasileiro.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1986, deixando um legado significativo para a museologia nacional.



Jenny Dreyfus na mídia

A série de reportagens aqui reunida tem como objetivo destacar a trajetória e o legado de Jenny Dreyfus, figura marcante na museologia, na pesquisa histórica e no colecionismo de ex-libris no Brasil. Por meio de matérias publicadas em jornais, revistas e veículos especializados ao longo das décadas, é possível acompanhar não apenas suas contribuições profissionais, mas também a repercussão pública de seu trabalho em instituições como o Museu da República.

Os recortes documentam momentos importantes de sua atuação como museóloga, pesquisadora e colecionadora, revelando seu olhar atento para a memória gráfica e o patrimônio cultural. Com sensibilidade e rigor, Jenny Dreyfus organizou coleções, publicou estudos e atuou como protagonista na preservação de documentos e objetos que hoje enriquecem acervos públicos.

Esta seleção de clippings oferece ao leitor um panorama das múltiplas facetas de sua vida profissional, destacando o reconhecimento que recebeu em vida e seu papel como referência para gerações futuras. Trata-se de uma homenagem à sua dedicação e uma oportunidade de revisitar, por meio da imprensa, uma história de compromisso com a cultura e a memória brasileira.

Mulheres em foco



ESTA chegando ao fim o Curso de Heráldica organizado e ministrado por Jenny Dreyfus. Chefe do Museu da República. Outros virão, animados pelo sucesso daquele e já se anuncia o de História da República (também de extensão universitária) que será dado em oito aulas, em locais nas diferentes salas de exposição do Museu por Gilda Marina de Almeida Lopes.

É a própria dona Jenny quem nos explica o seu método de trabalho, iniciado por ela há vinte e dois anos no Museu Histórico e que até hoje a anima em todos os empreendimentos:

«O Museu de nossos dias não deve ser um lugar estático, mas sim dinâmico. É importante o papel que ele tem a desempenhar como centro cultural e recreativo. Nossas recepcionistas acompanham os estudantes de várias idades, que nos visitam, sozinho ou em turmas escolares. A parte da República (contemporânea, repleta por isso a segundo plano), não é bem estudada, todos se interessam mais pelo Império. É necessário, pois, que se faculte à criança ou ao jovem estudar em locais o que o interessa (deixamos inclusive que bata fotografias das peças que desejar). Com isto e com os cursos (estão programados além do Curso de História da República, alguns outros para o ano próximo), nossa frequência vem aumentando sempre: domingo passado recebemos 2 mil pessoas em 3 horas».

Para Dona Jenny, conhecedora profunda do assunto (que tem vários trabalhos publicados, inclusive livros sobre as artes menores e louça brasonada no Brasil), o Museu deve ser um local onde a História permanecerá viva, exercendo atração sobre os estudantes e público em geral.

Jornal do Comércio, 02/06/1962

DESCENDENTE DE DREYFUS É "EXPERT" EM ARTES E MUSEUS

LEQUES E ARTE CRISTA foram tema de uma conferência realizada na pequena passarela do MUSEU DA REPÚBLICA e no MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Os que lá compareceram ouviram resumos com a conferência e com o... Conferenciante GENT DREYFUS, descendente de A. Dreyfus, o vilão do caso de infâmia do século, Brancura da Rua Orde de São José "barão por adoção", filho profundamente amado, expôs doces, fala macia, refinada nos gestos. Sua cultura e erudição quanto simples e modesta, como é GENT DREYFUS, chefe do "MUSEU DA REPÚBLICA". Professora do CURSO DE MINERALOGIA do "Museu Histórico Nacional" (cursando o SILICÓRIO) — "vilão de joia, raridades e minerais raros do Brasil" e ARTES MENORES.

Sua sala de aula é "focada" e dedicada sobre BRANCO, LEQUES, BANDA, TAFELBERG, do seu Museu da República e oratório, ganhando, inclusive, diversas respostas a perguntas curiosa. Quando parte em CONGRESSO DE MUSEUS (representando o Brasil), em 1954, na Grécia, recebendo livros via sacros ARTES MENORES, com três capítulos básicos e 18 capítulos sobre minerais, minerais, minerais, minerais, minerais etc., no futuro parte da COMISSÃO ORGANIZADORA DO MUSEU FILATELICO. GENT DREYFUS é sempre a mesma, feminina, saia de todo MULHER! E a conferência, com o caso de GENT DREYFUS, do MUSEU DA REPÚBLICA.

dedicando cartão especial às crianças que ali compareceram: "O Museu representa uma escola viva. Deveria consistir de programa obrigatório a todas as escolas. O que a criança vê no Museu não se pode esquecer. O que ela vê, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre, por vezes obrigatório. São coisas, as que não demonstram qualquer interesse. Também na criança mais modesta da população manifestamos grande simpatia. O público é maravilhoso e me deixa elogiá-lo por muito!"

PEÇAS ANTIGAS E MINIATURAS ORIGINAIS. D. GENT DREYFUS, descendente das Artes e Museus, é interessada e "histórica" original. Peças antigas e quatro mil e quatrocentas exposições em seu livro apartamento e suas vitrines repletas de miniatura em porcelana, filigrana, martim, metal, vidro, madeira. Um exemplo, D. GENT Dreyfus "PORCELANA BRANCA" e o seu não livro a ser publicado... "Quando? Ah, francamente, não sei! O importante é escrever. Quanto a ser publicada... Veremos!"

É assim, modesta, pouco falando a respeito de si própria, de suas primeiras lutas no difícil Curso Universitário de Museus, de suas experiências de mais de 20 anos como Conservadora do Museu. D. GENT DREYFUS, a MULHER DO DREYFUS de hoje!



09826 1/10/63

O Globo, RJ, 01.10.63

A VISITA A UM MUSEU É UMA AULA AO VIVO

D. Jenny sempre foi dedicada aos estudos. Sempre estudou por prazer, para se cultivar. Criada em Paris, habituou-se desde pequena a visitar museus, a apreciar obras de arte, a frequentar exposições e reuniões artísticas.

Aqui, no Rio, D. Jenny fez um curso de museu, Tirou o primeiro lugar. E num concurso do DASP, com defesa de tese, foi aprovada e nomeada para o Museu Histórico para o Palácio do Catete. D. Jenny passou ao cargo de conservadora-chefe do Museu da República.

"Mocidade—"Jour-le-Jour"

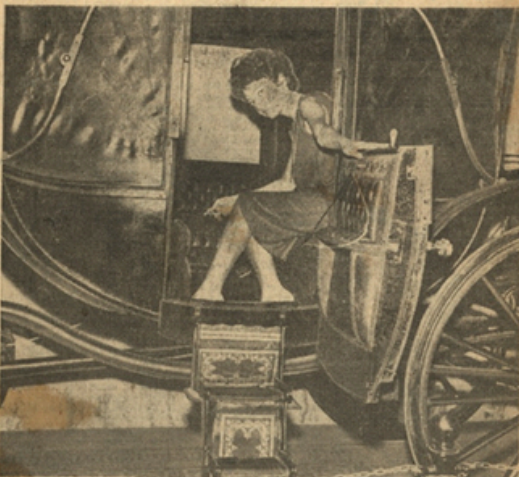
★ Jenny Dreyfus é o seu nome. Uma senhora pequena, delicada, com imensa simpatia. Ela mora em Copacabana e todos os dias, pela hora do almoço vai para o Museu.

— Museu, para mim, é alguma coisa de muito importante. Não é lugar de "velharias", não. Ali se aprende de como se vivia no passado. Num museu se aprendem história, artes, costumes. E vemos as coisas expostas, o que é importante, pois o que se vê nunca se esquece.

E D. Jenny continua: — Infelizmente, a mocidade de hoje não quer saber do passado; vivem ao "jour-le-jour", acham os "velhos" aborrecidos. Daí, talvez, ser difícil que esta nova geração aprenda os erros de seus an-



D. Jenny Dreyfus, conservadora e encarregada do Museu da República, tem escrito um livro sobre louças brasonadas dos titulares brasileiros



DORIAN, na visita que fez ao Museu da República, possui nesta carruagem dos primeiros presidentes da República. E, conversando com D. Jenny Dreyfus, sobre que o gabinete de trabalho e o quarto de Getúlio Vargas são as peças mais procuradas pelos visitantes do Museu da República

teposados e saibam como viver melhor futuro.

"Os Colégios Precisam Ir Aos Museus!"

★ Muito modesta, D. Jenny fala de sua obra: um livro volumoso, sobre pratos brasonados dos titulares do Império. É uma obra completa, rica de detalhes, com fotos de praticamente todas as louças brasonadas ou coroadas do Brasil de ontem. "Descançante-me do livro. Não tenho meios para fazê-lo ser publicado e nunca conseguirei auxílio". O trabalho desta senhora pequena, simpática, no entanto, deveria ser compreendido e prestigiado...

— O interesse que o brasileiro vem tendo, nos últimos tempos, pelos museus, é notável. No Palácio do Catete recebemos, em média, 800 pessoas por dia. Neste mês de julho visitaram o museu cerca de 20 000 pessoas, sendo que num dos últimos domingos tivemos, em somente três horas, mais de duas mil pessoas.

— Os colégios devem ir aos museus, com frequência,



Rio, 29 de julho de 1961

mas é melhor ainda que as crianças vão com os pais, para que aprendam com mais detalhes o que vêem. Uma visita dessas é como uma aula ao vivo. A afluência do povo, como disse acima, mostra que a mentalidade brasileira vai mudando, que o nível intelectual melhora, que um museu não é mais visto por quase todos como um "repositório de velharias". E o interesse feminino, em especial, é flagrante, pelas minhas observações.

Coisas da República

★ Dentre as coisas mais procuradas pelos visi-

tantes, no Museu da República, está o gabinete de trabalho e o quarto de Getúlio Vargas, a espada de ouro do Marechal Dutra, as condecorações e medalhas doadas pela viúva Nereu Ramos, um mapa de São Paulo todo de granadas, águas-marinha e turmalinas, outro mapa, este, do Rio Grande do Sul, com as cidades assinaladas com pequena brilhantes, um cachorrinho de Nilo Pecanha de nome "Jicki" reproduzido de várias maneiras: em mármore e em esmalte e brilhante e em quadro a óleo.

Quando a pessoa chega ao Museu da República tem à sua disposição dez recepcionistas, todas com curso especializado ministrado por D. Jenny, que sabem de todos os segredos da casa, que fornecem todas as informações ao visitante.



D. Jenny Dreyfus, conservadora e encarregada do Museu da República, tem escrito um livro sobre louças brasonadas dos titulares brasileiros

O Globo, 29/07/1961

A MULHER E A PROFISSÃO

Correio da Manhã 15/7/62

Seiro
Ghini
Zabel
Virius Colarus



NO MUSEU DA REPÚBLICA TAMBÉM SE APRENDE O IMPÉRIO

A moçinha, com as suas "dancas", irrepressíveis da catonga aos pés, juventude coitada sobre os ombros com aquela segurança, tranqüilo o ultratemporal porta do Museu da República (que para nós, embora reliquias de todos os presidentes de honra nos estado sistema governamental — um relicário de D. Sara Kubitschek, inclusive — nunca deixou de ser o "palácio do catete").

A moçinha sabe as cozinhas, pucamente, com todos os seus móveis e de cada de todos os mo-

le. Ah! o fetiche de seus gestos, suaves, leques e camisas muito embora tenha danças o "twist" e um um moderado biquini em Cabo Frio. Então a gente imagina "é uma visitante". Depois, se estivesse a seu lado ou se conseguisse pegá-la através do laboratório de corretores do Museu, vamos ao encontro de algum socia (conceda) a nossa moçinha é uma estudante. De heráldica, cujo curso, funciona no centro desta nossa da república, onde se aprende também o Império, através de seus signos. Odeio muito, um espaço em claro em nosso movimento e muita vez dia de trabalho: ali os brades (e é impossível não brades, com sua sorriso,

Canções, as suas armas e hastes amaldiçoadas, um dos versos mais soltos e mais recordados de sempre...) não o trua. E é mais importante saber a origem da fôr de Lã que a composição da própria moçinha. "O mundo é lá para nós" — situação... Ah, não se via não poder voltar os bons tempos... Aos olhos, no requinte, é delicada depois disso... — suspira uma das alunas, justificando sua presença no curso, com um grão elegante, que faz brilhar, no do mínimo, um anel de prata, preso a... heráldica.

Na sala, um pequeno antídoto, a preferência é dada com atenção por seus alunos. No quadro negro,

desenhos de brades, com esquemas, códigos, explicações à margem do livro. Com um longo bairão, vai apontando os emblemas que flutuam na sala. As perguntas dos alunos tornam o diálogo, sempre fácil de compreender pelos iniciados. E não, cada de repente num mundo estranho, surtamos, como linguagens estrangeiras, falar em "pelo, um lado rompendo de negro, com acessórios de campo", em "esquecidos em tanto", em "tanto o tanto do chato" e outros símbolos de um código secreto — que não nos pertencem. Mas nos poucos vamos aprendendo que "bairão", em heráldica, quer dizer azul e que "sininho" é nada mais nada menos que o anelão do

apreciado verde-esmeralda, símbolo da corvina e bom-humor para os setores de brades. Chamamos "emblemático", as cores, bairão, de brades, e sininho, quando os brades — não genérico — que descrevem, bairão.

Muita coisa mais aprendemos numa rápida visita ao curso que D. JENNY DEFEUS está ministrando, com tanta édis e tanto entusiasmo no Museu da República. Para alunos sinceros, estudamos realmente: o quadro-negro coberto de desenhos quase fantasias (com bairão pode ter patas e coxas, vigília e símbolos, figuras geométricas e alômbos, ídoles, Dires de Lã, quadrá-

pedos, capotes e gueros, vegetal e outros, utensílios e atributos simbólicos), a atenção com que a professora desenvolve o tema, a atenção dos alunos, que fazem prova, que têm sala e presença às aulas, que revelam uma autêntica vontade de aprender em quantas partes se divide um século ou porque D. Henrique II estabeleceu uma multa de 1.000 libras proibindo o uso indolente de armas de nobreza.

Mas falamos um pouco sobre esta tão delicada e simpática Jenny Deffus, que tem a simplicidade das grandes damas, aliada a uma cultura e uma erudição real e plena, surpreendentes. Desde 1939 que ela vem dedicando seu tempo e trabalho às artes e letras. Tendo recebido o 1.º grau no mulo exigente convívio para "conservados de nobreza" foi durante 20 anos funcionária do Museu Histórico. Dali, com a criação do Museu da República, passou a chefia deste. Além disso, (Continua na 2.ª página)

DEDETIZE SEU LAR
D. D. DRON — Tel: 47-9707

Correio da Manhã. RJ, 15.07.62



A chefe do Museu da República, sra. Geni Dreyfus, indica o lugar da sala (já demolida) onde será instalado um gabinete para os técnicos de conservação da instituição cultural



Arquivo Histórico

Arquivo Histórico do Museu da República

O Arquivo Histórico do Museu da República é um importante centro de preservação da memória política, cultural e social do Brasil, com ênfase nos períodos republicanos. Instalado no Palácio do Catete, antiga sede do Poder Executivo Federal e residência de presidentes da República entre 1897 e 1960, o arquivo guarda e organiza um acervo documental que testemunha momentos decisivos da história nacional.

O acervo reúne coleções e fundos documentais provenientes tanto de instituições quanto de personalidades ligadas à vida política e cultural do país. Entre os documentos preservados, destacam-se manuscritos, correspondências, fotografias, iconografias, recortes de jornais, impressos e registros administrativos, muitos dos quais vinculados à Presidência da República durante sua permanência no Palácio do Catete.

O Arquivo Histórico abriga coleções privadas de grande relevância, como a Coleção Jenny Dreyffus de ex-libris, demonstrando a amplitude temática e o valor artístico do acervo. A organização e a catalogação seguem princípios arquivísticos reconhecidos, visando à preservação, ao acesso público e ao estímulo à pesquisa histórica.

O Arquivo está aberto a pesquisadores, estudantes e ao público em geral, oferecendo consultas presenciais mediante agendamento, além de ações educativas, exposições documentais e colaborações com instituições culturais e acadêmicas.

Como parte do Museu da República, o Arquivo Histórico cumpre um papel fundamental na conservação da memória republicana e no fomento à reflexão crítica sobre o passado e o presente do país.



Arquivo Histórico
Museu da República
Foto Mary Komatsu



Coleção de Ex-líbris
Jenny Dreyfus

Jenny Dreyffus reuniu uma notável coleção de ex-libris nacionais e estrangeiros, tanto pessoais quanto institucionais, totalizando 1.511 exemplares, dos quais 411 são duplicatas. Em 1976, essa valiosa coleção foi doada ao Museu da República.

Entre os ex-libris presentes, destacam-se o da própria Jenny Dreyffus e os de importantes figuras como Alvarus, Bastos Tigre, Clóvis Bornay, Rubens Borba de Moraes, Hagar Espanha e Vital Brazil, entre outros.

Atualmente, a Coleção Jenny Dreyffus está sob a guarda do Arquivo Histórico do Museu da República. Seu arranjo original, elaborado pela própria colecionadora, inclui informações relevantes como o nome do ilustrador, a técnica utilizada, o nome do colecionador e outros dados descritivos.



COLEÇÃO DE EX-LIBRIS DE JENNY DREYFFUS
ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA REPÚBLICA.
FOTO: MARY KOMATSU

Os ex-libris foram colados em formulários especialmente elaborados por Jenny Dreyffus e acondicionados em caixas confeccionadas pela própria instituição. A coleção encontra-se identificada e catalogada de acordo com as normas arquivísticas, preservando a organização original definida pela colecionadora.

EX-LIBRIS	
COLEÇÃO DE JENNY DREYFUS	
<i>Jenny Dreyfus</i>	
	
<i>Natural do Rio Grande do Sul. Conservador do Museu Histórico Nacional. Possui trabalhos publicados dentro da sua especialidade.</i>	
Classificação <i>Pessoa</i>	Divisa
Autor <i>Jenny Dreyfus</i>	Formatos
Processo <i>Nankin "Totsincosafa"</i>	Reproduções
Impressão <i>preto-papel branco</i>	
Observações	

O sistema de arranjo elaborado pelo Arquivo Histórico do Museu da República apresenta como os ex-libris da coleção Jenny Dreyffus estão classificados dentro de cada temática.

COLEÇÃO: JENNY DREYFUS

Código de referência: BR RJMRAHI JD

Data de produção: 1788 a 1960

Dimensão e suporte: 899 documentos visuais (+758 cópias)

Produtor: DREYFUS, Jenny

Sistema de arranjo:

Série Documentos visuais, sonoros e audiovisuais

Subsérie Ex-libris

Dossiês:

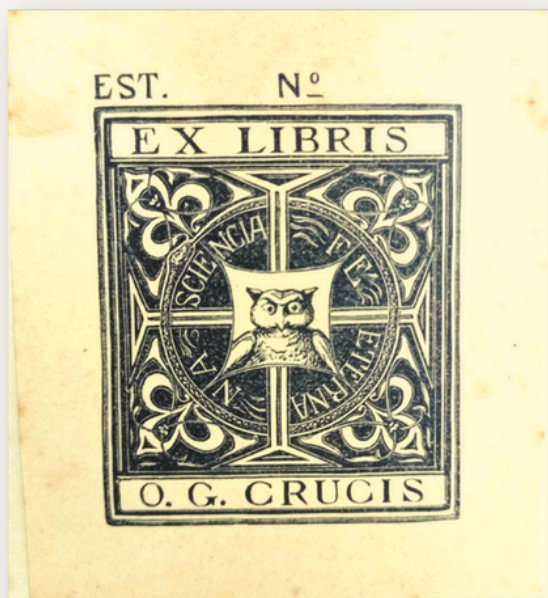
1. Dossiê contendo ex-libris pessoais nacionais das letras A e B
2. Dossiê contendo ex-libris pessoais nacionais das letras C a F.
3. Dossiê contendo ex-libris pessoais nacionais das letras G a M.
4. Dossiê contendo ex-libris pessoais nacionais das letras N a Z.
5. Dossiê contendo ex-libris estrangeiros das letras A a V.
6. Dossiê contendo ex-libris de entidades coletivas das letras A a U.
7. Provas de ex-libris de entidades coletivas e comemorativas.
8. Dossiê contendo ex-libris comemorativos de entidades coletivas.

Fonte: <http://museudarepublica.museus.gov.br/guia-de-colecoes/>

CLASSIFICAÇÃO DOS EX-LÍBRIS

Segundo Silvia, foi a própria Jenny Dreyffus quem definiu a classificação temática dos ex-libris de sua coleção, atribuindo categorias específicas a cada exemplar. Silvia apresenta uma pequena amostra dessa classificação, ressaltando que o número de categorias originalmente estabelecidas por Jenny provavelmente é ainda maior.

Entre as categorias identificadas estão: Simbólico, Misto, Religioso, Brasonado, Armoriado, Retrato, Autorretrato, Alegórico, Numismático, Épico, Paisagístico, Caricatural, Heráldico, Simbólico-erótico, Erótico, Patriótico, Etiqueta, Carimbo, Etiqueta simbólica, Musical humorístico, Musical, Fantasiado, Geográfico, Histórico, Artístico, Simbólico irônico e Indígena.



EX-LÍBRIS DE OSWALDO CRUZ
ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA REPÚBLICA.

EX-LÍBRIS SIMBÓLICO



Ex-líbris Abílio Barreto

Abílio Velho Barreto (1883–1959) nasceu em Diamantina, em Minas Gerais. Foi historiador, escritor e diplomata. Além de ter sido Diretor do Instituto Histórico e do Museu Histórico de Belo Horizonte. Pela sua dedicação ao museu, após o seu falecimento passou a denominar-se Museu Histórico Abílio Barreto como homenagem.

O ex-líbris de Abílio Barreto foi confeccionado com a técnica da fotozincografia, tem o nome do proprietário, a palavra Ex-líbris e na divisa a frase Melancolia. Possui uma ilustração de um rapaz em um momento de tristeza e meditação. Não há informação de quem fez o desenho.

Foi doado pelo próprio Abílio Barreto para Jenny Dreyfus.



Ex-líbris Carlos Lacerda

Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914–1977) nasceu em Vassouras, Rio de Janeiro. Foi político e jornalista.

O ex-líbris de Carlos Lacerda foi desenhado pelo artista chamado Vitor Pedro Brumlik. Apresenta a imagem estilizada de um arqueiro, a palavra ex-líbris e o nome do proprietário.

Não foi possível encontrar o tipo de técnica de impressão utilizada na confecção da marca bibliográfica, o ano e o local de realização. Foi ofertado pelo próprio para a coleção da Jenny Dreyfus.

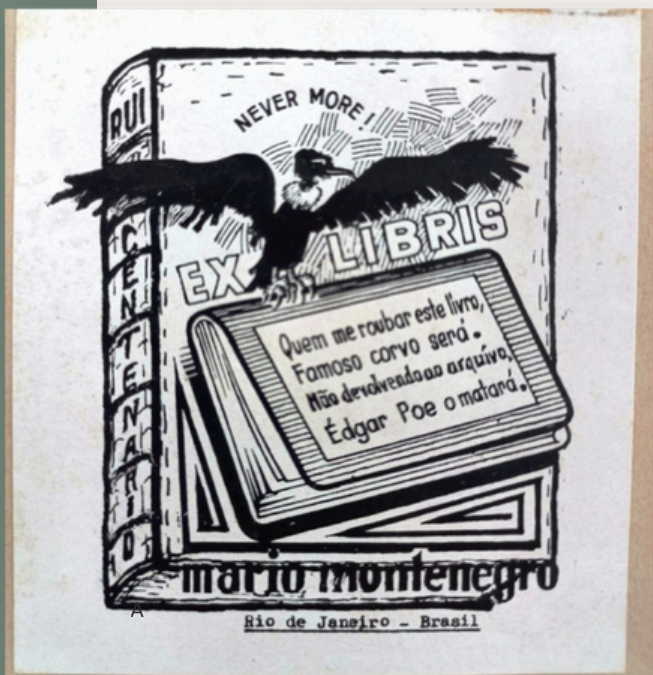


Ex-líbris Catullo da Paixão Cearense

Catullo da Paixão Cearense (1863–1946) nasceu em São Luís do Maranhão. Foi um habilidoso violeiro e criador de diversas composições, denominadas "modinhas", tais como: "Choros ao violão", "Trovas e canções" e "Luar do sertão (1908)", considerada por muitos como o hino nacional brasileiro.

O ex-líbris de Catullo foi gravado com a técnica da zincogravura, tem imagens que faz referências ao artista como um galo, um violão, a lua, rosas e a noite. Tem como divisa as palavras Natureza, música e poesia.

O Ex-líbris foi doado pelo colecionador Clínio Costa.



Ex-líbris Mário Montenegro

No livro "Ex libris" de Manuel Esteves há uma citação sobre esse ex-líbris: em que provavelmente este exemplar tenha aparecido por ocasião dos grandes festejos do centenário de Rui Barbosa.

Manuel Esteves descreve assim o ex-líbris:

"Nesse ex libris, que representa um livro, em cuja lombada se lêem as palavras - Ruy-Centenário- aparece um corvo com as asas abertas, tal e qual o que Nóe soltou da barca e que por sinal não voltou. No alto vêm-se as palavras do poema de Edgar Poe - Never More - e logo abaixo, na capa de um livro pequeno esta quadra apavorante. Quem me roubar este livro, famoso corvo será. Não devoldendo ao arquivo, Edgar Poe o matará".

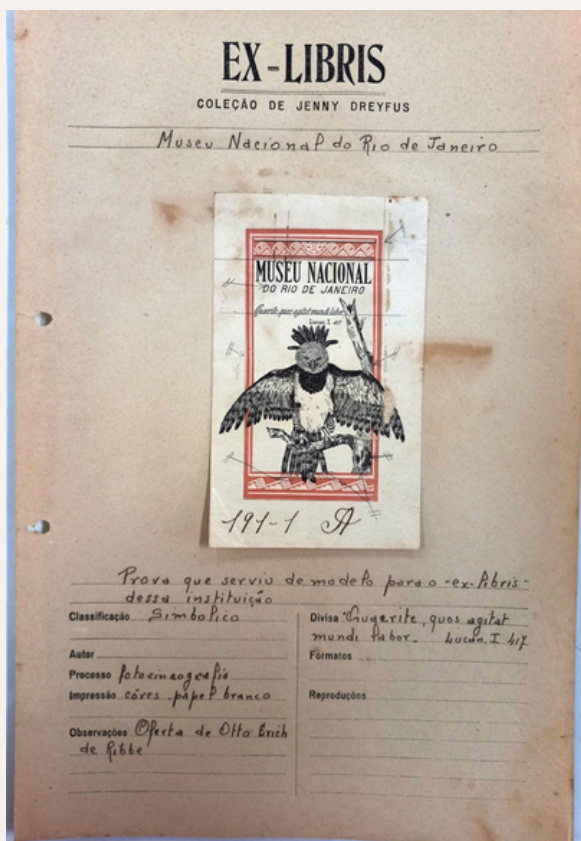
Foi ofertado pelo Clube Internacional de Ex-líbris para a coleção da Jenny Dreyfus.



Ex-líbris Alfredo Solano de Barros

Alfredo Solano de Barros (1890–1971), conservador da Seção de Numismática do MHN, da qual foi chefe de 1954 a 1960.

Alfredo Solano era amigo de Jenny Dreyfus e foi ela mesma que fez esse ex-líbris. E para representar o ex-líbris do Alfredo, Jenny usou a imagem de uma moeda do Brasil do período colonial de 20 réis de 1736, com a coroa real e a legenda IOANNES. V. D. G. PET. BRASIL. REX, no centro a palavra Ex libris e o nome do proprietário (Solano de Barros). Tem a assinatura da Jenny Dreyfus e a data de 1943. Foi executado com a técnica da fotozincografia.



Ex-líbris Museu Nacional (Prova)

Este é uma prova de artista do ex-líbris do Museu Nacional. Foi criado e executado pelo Alberto Childe, egiptólogo da instituição e inspirado na ave símbolo do Museu Nacional/UFRJ, o gavião real (ou harpia).

Alberto Childe, pseudônimo de Dimitri Vonizin (Rússia, 1870), chegou ao Brasil em 1900 e em 1912 ingressou no Museu Nacional, onde publicou muitos estudos científicos e de arqueologia. Foi hábil desenhista e pintor, sendo autor do ex libris de Manuel Bandeira, do retrato grafado de Rocha Lima e das ilustrações de Rondônia e de Samambaia, de Roquette Pinto. (Fonte: STICKEL, E. J. S. Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo de iconografia no Brasil. São Paulo: EdUSP, Imprensa Oficial de São Paulo, 2004).

Foi doado por Otto Erich de Ribbe.

OFERTA DO
CLUBE INTERNACIONAL DE EX LIBRIS

RIO DE JANEIRO BRASIL 1949

EX LIBRIS COMEMORATIVO
DO CENTÉSIMO DESENHO
EXECUTADO POR ALBERTO
L I M A

Edição única especial, de 500
exemplares numerados e rubri-
cados pelo autor.

ALBERTO
LIMA

Exemplar N°. 40 Destinado a

Jenny Dreyfus



Clube Internacional de Ex-líbris

Na década de 50, no auge do ex-librismo, diversos colecionadores e artistas reuniram-se dando início as associações ex-libristas, dentre eles, destaca-se o Clube Internacional de Ex-líbris, tendo Alberto Lima como Diretor-Presidente.

O Clube Internacional de Ex-líbris oficializado em 1949 na cidade do Rio de Janeiro, promoveu a 1ª Exposição Municipal de Ex-líbris no Teatro Municipal neste mesmo ano.

Jenny Dreyfus era uma das associadas deste clube que fazia uma série de permutas de ex-líbris entre os seus associados. Quando o artista Alberto Lima fez o seu centésimo ex-líbris, ele ofereceu esse cartão numerados e assinados por ele no total de 500 exemplares.

Foi doado pelo Clube Internacional de Ex-líbris em 1949 para a Jenny Dreyfus.

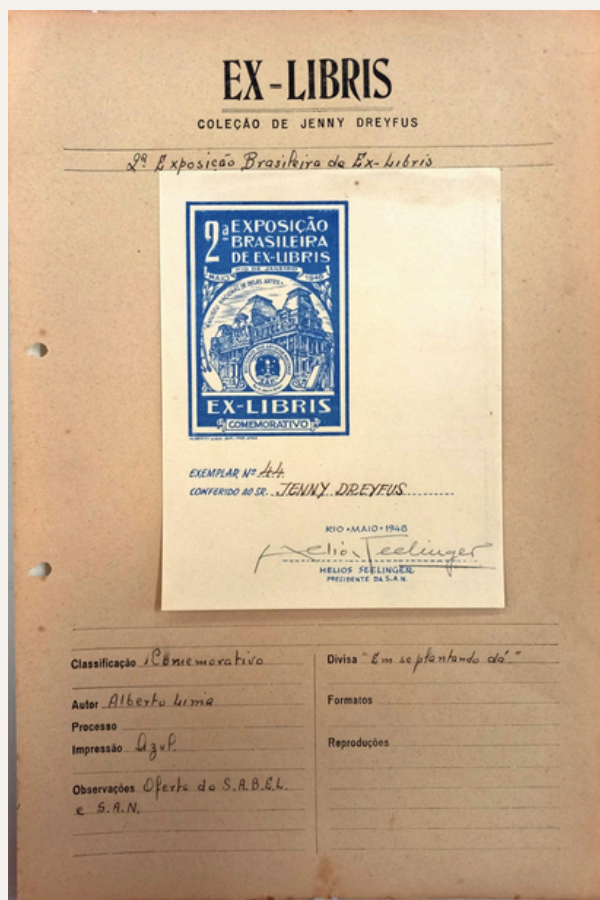


Ex-líbris Clube Internacional de Ex-líbris

O Ex-líbris do Clube Internacional de Ex-líbris foi desenhado pelo artista Alberto Lima, e gravado com a técnica da fotozincografia. Foi ofertado em 1949 para Jenny Dreyfus.

O Clube Internacional de Ex-líbris foi fundado em 1949 tendo Alberto Lima como Presidente. Foi uma das associações voltadas ao estudo e divulgação dos ex-líbris no Brasil.

EX-LÍBRIS COMEMORATIVO



Ex-líbris da 2ª Exposição Brasileira de Ex-líbris

Este ex-líbris classificado como ex-líbris comemorativo presta uma homenagem a 2ª Exposição Brasileira de Ex-líbris realizado em 1948 no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. O ex-líbris foi desenhado pelo artista Alberto Lima e apresenta a ilustração do prédio do MNBA e o selo do organizador do evento, a Sociedade dos Artistas Nacionais. É um exemplar numerado e assinado pelo Helios Sellinger, Presidente da S.N.A.

Foi doado pela Sociedade Brasileira de Ex-libris (SABEL) e Sociedade dos Artistas Nacionais (S.N.A.).

EX-LÍBRIS RELIGIOSO



Ex-líbris Benigni Carrara

Benigni Carrara (1888-1974) era bispo católico italiano.

O seu ex-líbris foi desenhado por L.A. confeccionado em gravura, tem o nome do proprietário, a palavra Ex-libris, datado em 1948. Possui elementos que faz referência a religião.

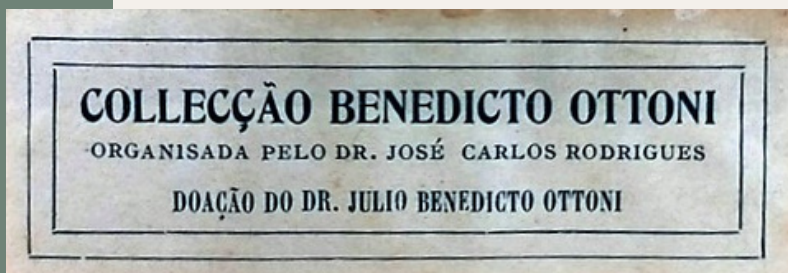
Foi doado por Olaf Jaer para Jenny Dreyfus.



Ex-líbris Hilário Cintra

Hilário Cintra é autor do livro "A inspiração franciscana: e outros escritos". O seu ex-líbris é considerado como temática religiosa e tem a presença de um frei e um cão. Foi ofertado por Clinio Costa para a coleção da Jenny Dreyfus.

EX-LÍBRIS ETIQUETA



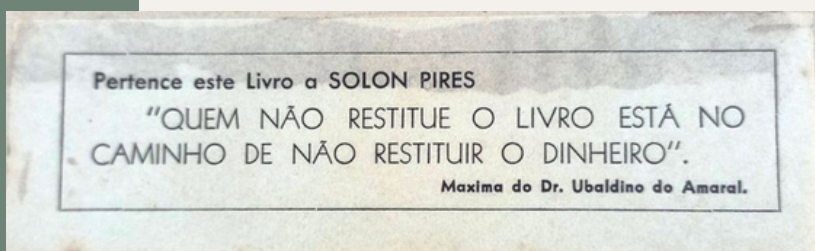
Collecção Benedicto Ottoni

Jenny Dreyfus classificou esse ex-líbris como etiqueta. Trata-se de uma marca criada pela Biblioteca Nacional para identificar todos os itens da coleção de Julio Benedicto Ottoni. Esta coleção pertenceu ao bibliófilo José Carlos Rodrigues que posteriormente foi adquirida por Dr. Júlio Benedito Otoni que fez a doação para à Biblioteca Nacional em 1911.

Segundo a bibliotecária Ana Virginia Pinheiro este tipo de ex-líbris é considerado um ex-líbris atribuído.

"O ex-libris atribuído marca coleções de memória e sua principal característica é a simplicidade da etiqueta, em tamanho pequeno ou médio, com uma cercadura comumente desornada. Inclui o nome do colecionador e às vezes, uma inscrição necessária sobre a Biblioteca."

Foi ofertado por Clinio Costa para a coleção da Jenny Dreyfus



Ex-líbris de Solon Pires

Jenny Dreyfus classificou esse ex-líbris como etiqueta. Neste exemplar não há a palavra ex-líbris. Possui o nome do possuidor "Solon Pires" e uma divisa com a descrição "Quem não restitue o livro está no caminho de não restituir o dinheiro" de autoria de Ubaldino do Amaral. Foi confeccionado com a técnica da zincografia.

Foi ofertado por Nery de Cerqueira e Silva para a coleção da Jenny Dreyfus.

EX-LÍBRIS DE JENNY DREYFUS



Ex-líbris Jenny Dreyfus

Este ex-líbris foi criado pela própria autora, revelando não apenas sua dedicação à preservação da memória, mas também sua sensibilidade artística.

A imagem apresenta o desenho de uma mão feminina segurando uma pena ou caneta de escrita, elemento que remete simbolicamente à cultura, ao conhecimento e à autoria. Acima do instrumento, vemos a assinatura de Jenny Dreyfus, inserida de maneira orgânica ao traçado, reforçando o caráter pessoal e intransferível da marca. Logo abaixo, em caligrafia cursiva, encontra-se a inscrição "Ex-Libris", expressão tradicional de origem latina que significa "dos livros de".

Este ex-líbris não apenas identifica a propriedade de seus livros, mas também expressa o cuidado e o vínculo afetivo de Jenny Dreyfus com sua biblioteca. A escolha de criar sua própria marca evidencia seu domínio técnico e estético, além de reforçar sua atuação como uma figura central na museologia brasileira.



Ex-líbris Jenny Dreyfus

Este ex-líbris, classificado no gênero heráldico, foi criado pelo artista Oswaldo Silva e confeccionado com a técnica da xilogravura. A composição apresenta um alto grau de simbolismo e riqueza narrativa visual.

No primeiro plano, uma jovem em trajes clássicos e com os cabelos soltos — contempla atentamente uma cena de cavalaria representada ao fundo: um cavaleiro medieval em armadura completa, montado em um imponente cavalo, empunha um escudo adornado com um brasão. A presença dessa figura remete ao universo heráldico e à tradição dos valores nobres, como coragem, honra e conhecimento.

A moça, possivelmente uma representação alegórica da própria Jenny Dreyfus ou da figura feminina intelectual, encontra-se rodeada por livros e símbolos gráficos — como a flor-de-lis — e parece folhear um álbum ou catálogo de ex-líbris, o que confere à cena um caráter metalinguístico e contemplativo.

No canto superior direito, lê-se a abreviação tradicional "EX L", indicação da função do selo como marca de posse bibliográfica. Na base da imagem, em destaque, aparece o nome da proprietária: Jenny Dreyfus, reforçando o caráter pessoal e intransferível da peça.

EX-LÍBRIS DE CLÓVIS BORNAY

Ex-líbris de Clóvis Bornay

A melhor descrição para o ex-líbris de Clóvis Bornay, é citado no artigo¹ pelo museólogo Mário de Souza Chagas:

"Trata-se de uma peça desenhada por sua professora Jenny Dreyfus. A ficha técnica indica que a impressão é "a negro sobre papel cinza" pelo processo de zincografia. A imagem apresenta no canto superior esquerdo a expressão ex-líbris em cartela, abaixo e ao centro um cavaleiro montado em cavalo rompante, ambos com cabeça emplumada e camadas de tecido pelo corpo. Ele conduz uma lança em riste, apontada para frente, inclinada para cima, com bandeira abrasoadada pendurada na ponta. Contornando o escudo em "x" da bandeira é possível ler a divisa: Bonum facito, aures claudito. Em tradução livre: "fazer o bem, de ouvidos fechados" ou "fazer o bem, sem esperar retorno" ou numa versão popular: "fazer o bem, sem olhar a quem". Ao pé das patas traseiras do cavalo empinado aparece o nome "Clóvis Bornay". No canto inferior direito lê-se a assinatura da autora: "Jenny". Há alguma coisa idealizada e romântica, alguma coisa de fantasia e gosto popular nesse cavaleiro medieval; uma espécie de São Jorge ou Dom Quixote, sem Dragão ou Sancho Pança visíveis. Qual a origem da divisa embandeirada? Porque Bornay a teria adotado? Será uma divisa de família? Em que medida Clóvis teria identidade e teria vivido em sintonia com esta divisa? Porque Jenny Dreyfus a teria registrado? A memória de alguns profissionais do mundo museal indica que a professora e pesquisadora Jenny teria sido a sua grande protetora e teria deixado para ele como herança um apartamento em Copacabana."

Ex-líbris de Clóvis Bornay

Aparentemente, nos aspectos mais reservados e singulares de suas vidas, tanto Clóvis quanto Jenny, parecem ter adotado esta divisa como orientação. Ainda assim, é importante observar a necessidade de ir além dessa divisa e combater fortemente o racismo estrutural e afirmar a cidadania e a democracia radical. Além de fazer o bem é preciso combater aqueles que operam na lógica da necropolítica e do ódio. Fazer o bem sem se preocupar com o que acontece a sua volta, pode implicar na anulação do bem que foi feito e, eventualmente, na vinculação do bem ao mal feito.



[Leia o artigo "Clóvis Bornay: singular e múltiplo", de Mário de Souza Chagas, acessando o link:](#)
[Clique aqui para acessar o PDF](#)

Referências

ARQUIVO Histórico e Institucional. Museu da República. Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/arquivo/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

CHAGAS, Mário de Souza. *Clóvis Bornay: singular e múltiplo*. Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 11, n. 21, p. 53–62, jan./jun. 2022.

ESTEVES, Manuel. *O ex-libris*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956.

FUNDAÇÃO Biblioteca Nacional do Brasil: apresentação. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Alicante: Universidade de Alicante. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/portales/fundacao_biblioteca_nacional_brasil/apresentacao/. Acesso em: 3 maio. 2024.

PINHEIRO, Ana Virgínia. *Ex-libris atribuído: uma marca cultivada*. Entrevista, organização e notas de Mary Komatsu. Rio de Janeiro, 2021. 28 p. il. color. (Série Bibliotecas, 1).

SÁ, Ivan Coelho de. *Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à museologia e ao patrimônio*. Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 4, n. 8, p. 120–146, dez. 2015.

UBALDINO do Amaral. *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubaldino_do_Amaral. Acesso em: 01 jun. 2025.

*Minha gratidão a historiadora
Silvia Pinho pela sua
participação na live da
Caçadora de Ex-líbris*

ISBN: 978-65-01-53687-3

CAL



9 786501 536873

